

A REVISTA

PONTAS DE IRONIA

A anedota floresce, campeia astuciosamente nas regiões altíssimas do teatro pirueteando como *clow* de feira e fazendo sorrir — e às vezes até rir — como piada de bom gosto.

A luz da ribalta dá à anedota umas colorações especiais, uns tons violetas muito característicos, uns reverberos que a distinguem — oh! muito facilmente — de anedota chula, barata, bocageana.

No último número, aqui se contaram alguns casos anedóticos, algo interessantes. Um manjar destes ninguém despresa, antes saborea com curiosidade e — quantas vezes! — com malícia. Toda a gente gosta de *blagues*, de pontas de ironia, enquanto se aborrece com as pontas de fogo e tem horror a outras pontas.

A medicina das pontas de fogo corresponde a medicina das pontas de ironia. Se aquelas nos curam porque ardem, estas salvam-nos porque vivem paredes meias com a Alegria: — A alegria do riso.

Aí vai um pouco de sôro anti-melancólico.
Ora oiçam:

Conta-se o seguinte de Almeida Garrett:

Estava o imortal escritor passeando no Passeio Público, com o actor Epifânio. Mutismo completo. Nem uma palavra trocavam os dois. Nisto, Garrett interrompe o longo silêncio e diz para o companheiro:

— Aposto como você não calcula em que eu ia a pensar...

— Sei lá! ..

— Ia a pensar que hoje aqui no passeio ninguém trás as botas tam bem engraxadas como eu ..

A actriz Z, portuguesissima pelo nascimento e portuguesissima tambem pelo seu viver boêmio, deixou de comparecer amiudadas vezes aos ensaios. E uma noite, o empresario, não gostando da brincadeira que ia degenerando em abuso, manifestou-lhe o seu desagrado:

— Parece impossível!... Isto assim não pode continuar!... Vocês, as actrizes, são todas iguais, tem todas as mesmas fraquezas!...

— Isso virgula... volve a actriz. Lá com fraquezas não é verdade. Ainda agora mesmo jantei um bife inteiro com batatas!

No antigo Principe Real, o actor D. era extremamente melindroso, ofendia-se á menor coisa, achava despresticioso o mais insignificante facto.

Na noite do beneficio, o empresario presenteia-o com um corte de fazenda para fato. O artista não gosta e, melindrado, procura-o para lhe dizer:

— Agradeço imenso a sua lembrança, mas creio que o meu fatinho não envergonha o teatro.

No ano seguinte, a oferta duma bengala faz repetir a scena:

— Muito obrigado, mas parece me que o senhor nunca me viu andar à pancada com ninguém...

No terceiro ano, lembra-se o empresario de lhe oferecer um relógio de oiro, bem trabalhado. E o actor envia o objecto á procedência com estas palavras:

«Aí vai o relógio. Acho-o desnecessário, porque não me consta, até hoje, de ter faltado aos ensaios. Julgo que tenho cumprido o dever de chegar sempre a horas.»

No S. Luiz, uma corista falta ao ensaio da «Monteria». A' noite diz ao ensaiador:

— O sr. Armando desculpe, mas faltei hoje ao ensaio, porque meu marido bateu-me...

— Mas, ho menina, de que pretexto se serve êle para te bater?

— De que pretexto?!. .. responde a corista desventurada. Não se serve de pretexto nenhum... serve se mas é duma bengala.

Voltara um provinciano á sua terra, depois de ter estado em Lisboa, onde havia assistido a uma revista no Apolo. A mulher, mal o vê em casa, logo o interpela:

— Então que tal? Divertiste te no *treato*?

— Isso sim! Estive toda a noite sentado que até já estava aborrecido. Os *tipos* no palco é que se fartaram de *reinar*: — Comeram, beberam, canta-

A R E V I S T A

ram, dansaram, andaram de automóvel e, de vez em quando, caía um pano para a gente não ver o resto que eles faziam...

Batista Machado, auctor teatral, era um grande pandego. Uma vez recolhe à meia-noite a casa, em companhia dum amigo. A conversa sôbre uma peça que escrevera, e que posta em scena, tinha feito carreira. Nisto, uns individuos começam a bater palmas para chamar o guarda-nocturno. O escritor logo explica ao amigo:

— Não ouves? já me reconheceram!

Outro provinciano. Êste confessava-se explorado por tudo e por todos, desde que entrara em Lisboa. À noite vai ao Ginásio. Sobe o pano, e o acto abre por um côro a grande voz.

— Mau, mau — exclama. Agora querem todos cantar ao mesmo tempo, para isto acabar mais depressa?!...

Um jornalista entra no palco dum teatro para pedir uma informação a uma «estrela». Chega à porta do camarim, bate ao de leve e à costureira, que aparece, pergunta:

— A senhora está?

— Está, sim senhar... está a secar!

Z. Z. era um actor mais dedicado a Baco que a Talma. Uma noite aparece enbriagado no teatro. E o empresario observa-lhe:

— Parece impossível appareceres assim neste triste estado!... Com que então, bebeste trez garrafas de Colares, sem ninguem te ajudar!...

— E' falso! E' falso, já disse... Bebi trez garrafas de Colares, bebi, mas foi com a ajuda de uma de Bucelas!

O actor Epifanio abriu esta serie de anedoctas e é êle quem a fecha.

Uma noite, aparece-lhe no camarim o medico do teatro, a quem êle diz:

— Ora ainda bem que por cá aparece. Esta maldita bronquite não me deixa... O que hei de eu fazer?

— Vamos a ver — sentencia o medico. Você precisa de se tratar... E para começar tiro-lhe o vinho, o café, o tabaco, a cerveja o champagne...

— Não diga mais... já sei tudo — interrompe o outro epifanamente. O doutor tira-me isso e deixa-me ficar a bronquite...

E c'est fini.

ADOLFO FARIA DE CASTRO